

Pitangueiras resgata o agronegócio

O leite é o parceiro escolhido pela cidade para estimular sua diversificação agrícola e dinamizar o agronegócio. “O agronegócio é a nossa vocação e é nele que vamos investir”, avisa o prefeito Waldir de Felício, 60 anos, professor aposentado de Educação Física, que conhece a cidade desde que nasceu e assistiu à principal transformação por que passou sua população, nos últimos 25 anos. Ele conta: “Um dia, pesquisei e descobri que dos alunos da escola onde lecionava, só 10% eram nascidos aqui! Hoje, mais de 60% dos nossos 31 mil habitantes não são pitangueienses. Tanto que o centenário da cidade, em 1992, passou e ninguém se lembrou... Poucos têm raízes em Pitangueiras.”

Foi a lavoura de cana e a produção de açúcar e etanol (álcool) que enriqueceram a cidade e trouxeram essa gente nova que, agora, busca novas alternativas de trabalho, para acompanhar a modernização exigida pela mecanização dos canaviais. As usinas Andrade, Virálcool e Pitangueiras moem, juntas, 5,16 milhões de toneladas de cana para fazer 276 mil toneladas de açúcar e 360 milhões de litros de etanol. São as maiores empresas da cidade – empregam cerca de oito mil trabalhadores – “mas nelas não há lugar para todo mundo”, diz o prefeito. A Humus Agroterra e a Agropecuária CFM, fornecedoras de cana, completam o grupo de empresas voltado para o setor sucroalcooleiro.

Pitangueiras também é berço da



Cidade busca alternativas para integrar produtores na cadeia produtiva

tradicional fábrica de Rações Fri-Ribe S/A, há trinta anos produzindo alimento nutritivo para todos os animais: “Do boi ao alevino, do avestruz ao passarinho, do cachorro ao camarão, do peixe ao camundongo de laboratório”, enumera o empresário Álvaro Amorim, um de seus fundadores. Para atender essa “clientela”, os 170 funcionários da Fri-Ribe em Pitangueiras mais os das unidades de Anápolis e Lavras e das franqueadas de Fortaleza e Teresina processam milho, glúten de milho, farelo de soja e de sorgo, vitaminas, sais minerais e leite em pó para produzir 10 mil toneladas de ração por

Receita: R\$ 16 milhões
 Cana: 33.600 ha (2,84 milhões de toneladas)
 Soja: 847 ha (38.115 sacos de 60 quilos)
 Milho: 634 ha (44.172 sacos de 60 quilos)
 Amendoim: 242 ha (23.232 sacos de 25 quilos)
 Laranja: 30 mil pés (45 mil caixas)
 Sorgo: 50 ha (1.650 sacos de 60 quilos)



mês. A empresa espera faturar este ano cerca de R\$ 75 milhões.

O agronegócio sempre foi a força de Pitangueiras. Na cidade, alguns se lembram de que ela já teve dez máquinas de beneficiar arroz e hoje resta uma. “O arroz era cultivado aqui, mas agora vem do Uruguai e do Rio Grande do Sul”, lamenta o prefeito, filho de um daqueles maquinistas. Resta uma lavoura, de 50 hectares, que vai produzir 1.600 sacos de 60 quilos.

Em parceria, a Prefeitura e o Sebrae lançaram o Sistema Agroindustrial Integrado (SAI), “para ajudar o produtor da porteira para fora”, define Rodrigo Matos do Carmo, responsável pelo programa na região. “A meta, diz ele, é integrar esse pequeno produtor na cadeia produtiva, ensinando-o a vender, calcular custo e conhecer a legislação.” O leite foi escolhido porque encontrou receptividade da Prefeitura, que deverá ser um dos clientes, e 15 criadores dispostos a participar. Por mês, a Prefeitura consome 12 mil litros, paga R\$ 0,94 o litro e gasta R\$11.280,00. Se ela comprar desses produtores e pagar R\$0,80, gastará R\$ 9.600,00, calcula Rodrigo.

O programa começa com 398 cabeças, 220 em lactação, para produzir 95 mil litros por dia. No projeto estão previstas uma miniusina de resfriamento e a produção de derivados. A assistência técnica poderá ser feita pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral da Secretaria da Agricultura (CATI) e pela UNESP, de Jaboticabal.



Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto

Compromissos para 2002

Na Assembléia Geral da ABAG/RP, os associados receberam o relatório de atividades de 2001, conheceram o demonstrativo financeiro auditado pela Pricewaterhouse

Coopers e aprovaram a ampliação da campanha de valorização institucional do setor e do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”. Durante a apresentação das realizações, a diretora-executiva Mônica Bergamaschi observou: “Agora, temos o que mostrar – o que facilita o entendimento, pela opinião pública, da importância econômica e social do agronegócio para região e para o País. Abrimos caminho para consolidar nossa imagem de modernidade.”

Ela lembrou: “Há um ano, ninguém nos conhecia. Mas o efeito multiplicador dos debates promovidos pela ABAG/RP e da participação da



nossa associação em seminários, congressos, reuniões com autoridades e empresários em São Paulo, em outros Estados, em Brasília e no exterior já nos tornam referência para consultas e convites de órgãos de governo, universidades, entidades de classe e imprensa regional e nacional.” E acrescentou: “Ninguém plantou essa idéia ontem para vê-la realizada hoje. Mas pela dimensão do que já alcançamos, sentimos que quanto mais empresas tivermos em nosso quadro e em condições de receber estudantes do nos-

so programa educacional, de forma mais rápida e ampla atingiremos nossos objetivos – somos procurados por escolas interessadas em participar e o reflexo, positivo, está no interesse dos alunos. No ano passado, o agronegócio e suas etapas de produção foram tema das feiras de ciências das escolas que integram o programa.”

Mônica anunciou também que, neste ano, o Programa Educacional “Agronegócio na Escola” se vai expandir na região. Ano passado, ele levou a mensagem da importância do agronegócio para 967 alunos e 180 professores de sete escolas públicas das cidades de Guariba, Jaboticabal, Monte Alto e Pradópolis. Este ano, ele cumprirá essa missão, junto a cerca de 6.500 alunos e 430 professores de 21 escolas das cidades de Sertãozinho, Ibitiúva, Pontal, Pintangueiras e Barrinha, da Diretoria Regional de Ensino de Sertãozinho, e de Bebedouro, Guariba, Guataparã, Jaboticabal, Monte Alto e Pradópolis, da Diretoria Regional de Ensino de Jaboticabal.

Editorial

Utilidade pública

A campanha de valorização institucional do agronegócio da ABAG/RP completou seis meses. Neste período já foram criados 12 informativos veiculados diariamente pelas emissoras de TV da região.

Na primeira fase, participaram personalidades e lideranças regionais e nacionais. Na segunda, professores, trabalhadores urbanos e rurais falaram sobre a importância do setor como gerador de empregos e renda, base da economia das cidades, dos estados e do País.

No final do ano, crianças ergueram o estandarte da “esperança de tempos melhores”, sustentado pela combinação entre desenvolvimento econômico e social, promovida pelo agronegócio, segundo o prefeito de Ribeirão Preto, Antônio Palocci Filho, um dos protagonistas da campanha.

Com o compromisso de levar ao telespectador in-

formações seguras e de contribuir para a melhoria da qualidade de vida, a campanha da ABAG/RP entra agora em uma fase de utilidade pública, erguendo a bandeira da cidadania.

Um programete alerta para o crescimento do número de pessoas infectadas pelo vírus da AIDS e para a necessidade de prevenção e incentiva o uso do preservativo. A relação com o agronegócio vem com a exposição da cadeia produtiva da borracha, afinal é o látex da seringueira a matéria-prima do produto capaz de prevenir doenças e salvar vidas.

O uso racional da água vis a vis o tratamento de efluentes e a descontaminação, descarte e reciclagem de embalagens de agroquímicos também estão em exibição. Exemplos do campo que devem ser seguidos por todos. Basta querer!

Mônica Bergamaschi

Yes, nós temos agronegócio

“O Brasil precisa estar no centro de todas as decisões sobre o agronegócio que o mundo tomar.” Michael J. Ginzberg não é de falar muito nem faz elogios só para ser simpático. Mas é. Aos 54 anos, professor titular de Negócios e Economia da Universidade do Delaware, acompanhado de sete alunos que se preparam para conquistar o Master Business Administration (MBA), visitou empresas do agronegócio na região de Ribeirão Preto, onde foram recepcionados pela ABAG/RP. Seu currículo, depois de registrar o status de PhD pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), tem onze páginas e entre títulos, teses, publicações e prêmios ligados principalmente à área de educação, revela um professor requisitado para conferências em vários países.

Foi seu primeiro contato com o segmento mais importante da economia nacional. Michael fez aquela afirmação sobre a importância do agronegócio brasileiro depois de doze horas percorrendo lavouras de café e cana orgânicos, de soja, usinas de açúcar, destilarias, laboratório entomológico para o controle biológico de pragas e uma fazenda tradicional da região. Ouviu empresários e técnicos; mexeu na terra; informou-se sobre a diversidade agrícola regional, suas cadeias produtivas e conheceu as dificuldades para se pesquisar, planejar, plantar, armazenar, comercializar aqui e no exterior. Soube, também, das limitações – e frustrações – que os subsídios nos países ricos impõem ao agronegócio de um país que, apesar das dificuldades, tem condições de ser mais competitivo e produtivo do que já é.

Michael viu máquinas de plantar, adubar e colher; viu a chuva e o sol fortes dos trópicos em pleno verão; comeu churrasco; quis saber do gado que deu aquela carne; chpou cana e se intrigou com o tucunaré, peixe da Amazônia, mas pescado ali, “como?”, na beira do lago onde almoçou. E se deliciou com melão e manga na sobremesa.

No fim do dia, antes do primeiro gole de caipirinha – ele gostou –, justifi-

cou sua conclusão: “Estou surpreso. Não tinha idéia da sofisticação tecnológica, do volume e do potencial do agronegócio brasileiro nesta região. Mas o que vi aqui confirma minha idéia inicial de que é possível e necessário às outras áreas da economia interagir com o agronegócio.”

Apostando nessa interação, Michael aprovou a escolha, unânime, de seus alunos, que preferiram o Brasil em vez de conhecer a economia da Hungria ou da África do Sul. “Nenhum deles trabalha em empresas ligadas diretamente ao agronegócio, mas todos incluirão em seus trabalhos acadêmicos para alcançar o MBA o que conheceram aqui.”

De fato, o grupo de quatro homens e três mulheres tem engenheiro químico, mecânico, de produção e até químico nuclear, um contabilista e uma analista de sistemas. Michael observou que só conhecendo de perto a realidade dessa atividade é possível dar importância a ela e ao que o Brasil representa nesse setor. “Foi o que fizemos ou, pelo menos, já começamos a fazer. Um turista pode passar vários dias aqui, mas se não fizer o que fizemos, não viu nada nem pode falar sobre o significado do agronegócio do Brasil para o mundo.”

Com o grupo veio outro professor da Universidade do Delaware, Cláudio Spiguel, brasileiro de São Paulo, há 24 anos nos EUA. A visita, segundo ele, faz parte do curso, que tem 19 meses de duração, com aulas às sextas e sábados. “Para obter o título de MBA – a conclusão será em maio – os alunos têm de passar por essa exposição de conhecimentos e de atividades internacionais junto com os professores.” Segundo Cláudio, a universidade havia definido a viagem ao Brasil fixando a indústria Du Pont, cuja matriz fica no Delaware, a Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, e a Embraer, em São José dos Campos. “Mas eles mesmos decidiram que é importante conhecer mais de perto a moderna economia agroindustrial



Foto: Valéria Ribeiro

Comitiva americana veio, viu e se surpreendeu com a tecnologia do agronegócio na região

brasileira. Daí a opção pela região de Ribeirão Preto”, disse.

A visita foi conduzida pela diretora-executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, e pelos conselheiros Fernando Balbo, Fernando Mattos e Paulo Rodrigues.

Na lavoura de café orgânico da Usina Santo Antônio, em Sertãozinho, os estudantes quiseram saber se essa forma de cultivo “sacrifica” a produção e reduz o lucro em relação ao plantio tradicional. Mais: como é feito o controle de doenças? A colheita é manual ou pode ser mecânica? Qual o perfil do consumidor de café orgânico? Na Usina São Francisco, que produz açúcar orgânico, as preocupações foram com a reciclagem dos resíduos industriais; se as instalações de aço inoxidável são garantia suficiente de certificação internacional para o açúcar ou se existe tratamento de efluentes pela indústria. Também chamou a atenção o programa de assistência social: “É novo? Sempre foi meta da empresa ou teve de ser implantado para atender as exigências da certificação? Os benefícios são só para o trabalhador ou para toda a família? A mecanização é acompanhada de treinamento para qualificar o funcionário para atuar em outras áreas? A mão-de-obra é formada na empresa?”

Os estudantes conheceram a formação do solo, do subsolo e da flora da região na visita ao Centro de Educação Ambiental da Usina São Martinho, em Pradópolis. “Que tipo de móveis podem ser feitos com bagaço de cana?” Passaram pela mata regenerada pela empresa e visitaram o armazém de açúcar, a moenda, o pátio de embarque rodoviário de açúcar e álcool, a unidade de geração de vapor para a co-geração de eletricidade e a destilaria.

Na destilaria, Jeremy Pond, 29 anos, engenheiro de produção da Rohm and Haas, ouviu a explicação de como se faz álcool de cana, e falou, algo surpreso: “Acabei de descobrir como o Brasil transforma o petróleo em álcool!”

Thomas Saville, gerente de contabilidade da Ameristar Technologies, disse que seu interesse no agronegócio brasileiro – que ele conhece teoricamente – é saber como se dá o fluxo da cadeia produtiva da cana-de-açúcar, “desde o plantio até a forma de operar da empresa que vende o açúcar e o álcool.”

Entre os estudantes, Leland Spicer, químico supervisor da PSEG Nuclear, tão fanático pela energia nuclear, parece alheio às fontes alternativas, principalmente a partir da biomassa. “Com menos de US\$ 0,01, eu gero um kilowatt de energia nuclear”, desafiava. E argu-

mentou: “A energia nuclear é discriminada porque sua primeira experiência foi negativa: a bomba. Mas é absolutamente não-poluente, a mais limpa que existe.” Depois, amenizou o discurso: “É interessante estudar melhor os derivados da cana, porque o uso desses subprodutos serve para não poluir.” E até falou em voltar ao Brasil: “Quero testar aqui a tecnologia de outras fontes de energia, inclusive a nuclear, principalmente na agricultura, porque se o país pretende incentivar essa atividade, só a energia das hidrelétricas não será suficiente,” prevê.

A engenheira química Renee Erhardt, da Daimler-Chrysler, estava certa de encontrar no Brasil “fazendinhas sem tecnologia”. Na faculdade, aprendeu a produzir etanol de qualquer tipo de grão. Ela chegou a fazer álcool de cana, mas em laboratório. “É um produto muito atraente como alternativa energética, e eu não esperava esse nível de tecnologia para sua produção.”

Brenda Thompson, analista de sistema da Computer Sciences Corporation, não estava surpresa. Pesquisou sobre o Brasil antes de vir e disse que seu interesse foi conhecer o estágio da tecnologia de informação do agronegócio brasileiro. “Não está atrasado; me parece um pouco para trás na tecnologia de precisão.” Disse que voltava curiosa, porque a viagem, rápida, não lhe permitiu conhecer melhor a logística, a produção de insumos e as estratégias de produção.

Leon Magdzynski, químico e pesquisador, vice-presidente de Desenvolvimento da Ausimont, não se surpreendeu. “O Brasil corresponde às minhas expectativas, a tecnologia é mais avançada do que eu esperava e eu constatei aqui que as filiais brasileiras de várias empresas norte-americanas é que vendem tecnologia para a matriz. Quer um exemplo? Dou dois: as colhedoras de soja e de cana.”

Acompanhado do empresário Paulo Rodrigues, conselheiro da ABAG/RP, o grupo conheceu lavouras de soja, cana-de-açúcar e de plantas aromáticas e fitoterápicas, além do viveiro de mudas de espécies nativas da Fazenda Santa Isabel, em Guariba. Essa visita marcou o encerramento do roteiro pelo agronegócio da região de Ribeirão Preto. Estudantes e professores assistiram ao vídeo educacional da ABAG/RP e participaram de conferência com o empresário Roberto Rodrigues, presidente da ABAG nacional.

Durante o encontro, Roberto destacou que está em marcha no Brasil uma revolução silenciosa formando nova geração de agricultores, exibindo novo perfil produtivo das fazendas e modernizando o agronegócio no País. “Mas apesar dessa transformação positiva, a sociedade ainda não entende o que nós, produtores, somos e significamos para a própria sociedade. Enquanto nos Estados Unidos, o setor rural é valorizado até nos comerciais de cerveja e cigarro, por aqui é visto como atrasado, corrupto, explorador e devastador. É essa falsa imagem que a televisão mostra. Enquanto isso, porém, a realidade do produtor brasileiro é outra: São modernos, competitivos, mas trabalham para os bancos e para o governo, porque não existe até hoje uma política agrícola definida para o segmento mais importante da economia brasileira.”

Roberto resumiu para os americanos: “O país precisa organizar seu setor privado; estabelecer políticas públicas para a macroeconomia e fomentar a pesquisa.” Alertou para os efeitos negativos que os subsídios ao agronegócio nos países desenvolvidos promove nos países pobres e comparou, com base nos abismos sociais registrados nos continentes, exemplificando com o Japão e o Nepal, na Ásia; a Alemanha e a Albânia, na Europa, e o Canadá e o Haiti, na América. “É essa diferença injusta e provocada que cria fome e ‘bin Ladens’ pelo mundo”, advertiu.

Ele foi aplaudido pelos americanos.